

Amor e Solidão em “Abelha Branca Zumbes” de Pablo Neruda

Amor y Solitud en “Abeja Blanca Zumbas” de Pablo Neruda

 José Dantas da Silva Júnior

 Inácia Maria Oliveira do Nascimento Soares

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a representação do amor e da solidão em um dos poemas curtos de Pablo Neruda, intitulado “Abelha Branca Zumbes”, presente no livro *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Essa investigação surge da motivação em pesquisar mais sobre o tema amoroso e da solidão na literatura de língua espanhola, apoiando-nos em estudiosos que tratam do tema, como Platão (2012), Morin (2005), Minois (2019), Gikovate (1998), entre outros pesquisadores. O trabalho se caracteriza por sua natureza analítica e também bibliográfica, pois partimos de estudos embasados no amor e na solidão a respeito da literatura de língua espanhola e universal. Em nossa análise, observaremos as representações desses sentimentos e como o eu lírico se estrutura em suas reflexões amorosas.

Palavras-chave: Amor. Solidão. Pablo Neruda.

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la representación del amor y la soledad en uno de los poemas cortos de Pablo Neruda, titulado “Abeja Blanca Zumbas”, presente en el libro “Veinte poemas de amor y una canción desesperada”. Esta investigación surge de la motivación por indagar

José Dantas da Silva Júnior. Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professor do curso de Letras-Língua Espanhola da UEPB.

Inácia Maria Oliveira do Nascimento Soares. Graduanda do curso de Letras Língua Espanhola, bolsista PIBIC, CAMPUS I, UEPB.

más sobre el tema del amor y la soledad en la literatura de lengua española, apoyándonos en estudiosos que tratan el tema, como Platón (2012), Morin (2005), Minois (2019), Gikovate (1998) y otros investigadores. El trabajo se caracteriza por su naturaleza analítica y también bibliográfica, ya que partimos de estudios fundamentados en el amor y la soledad en la literatura de lengua española y universal. En nuestro análisis, observaremos las representaciones de estos sentimientos y cómo el yo lírico se estructura en sus reflexiones amorosas.

Palabras-clave: Amor. Soledad. Pablo Neruda.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo a análise da representação do amor e da solidão em um dos poemas curtos de Pablo Neruda, intitulado “Abelha Branca Zumbes”, do livro *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Instigados pela temática amorosa, propomos nesta introdução discutir um pouco sobre o amor e a sua representação atemporal.

O amor sempre esteve presente nas histórias literárias, pois faz parte de um sentimento universal que motiva a busca por uma completude de seus desejos e ânsias. Assim sendo, por ser um tema tão discutido, investigamos que as primeiras discussões sobre o amor surgem no livro *O banquete* (2012), de Platão, através das falas de personagens importantes de Sócrates, Diotima e outros filósofos que buscavam entender como se configura tal sentimento.

Em *O Banquete* (2012), destaca-se principalmente o conceito de um amor que valoriza a realização de desejos a partir da beleza presente em cada alma. Em outras palavras, na filosofia de Platão, a discussão sobre o amor ocorre no âmbito abstrato das ideias e dos conceitos filosóficos relacionados ao sentimento amoroso. Dessa forma, o amor

é considerado soberano sobre todos os seres existentes na Terra, baseando-se na concepção filosófica de que ele é inseparável das reflexões sobre a alma, funcionando como um instrumento de contemplação na perspectiva platônica.

Dessa forma, de acordo com a filosofia de Platão, o Eros:

[...] é o amor direcionado para aquilo que é belo e nobre; a conclusão é que Eros tem que ser *filósofo*, ficando assim entre o sábio e o ignorante. E a causa disso vincula-se à sua origem, ou seja, é herança de um pai sábio e provido de recursos e de uma mãe não sábia e desprovida de recursos (Platão, 2012, p. 84).

A partir deste trecho, compreendemos que Eros herda, em seu caráter, as duas interfaces de sua origem: a inteligência e o desconhecimento. Com isso, ele se revela corajoso e desejoso, igualando-se às características de Poros, seu pai. Além disso, carrega consigo a carência herdada de Pênia e, como ela, está constantemente na penúria, buscando novos enlances amorosos que o preencham. Esse desejo constante de obter algo novo está alinhado com as realidades do homem, que incessantemente procura um sentimento amoroso pleno e duradouro.

O amor, por sua vez, é o sentimento imortal que traz em sua essência o desejo de felicidade plena, sendo o meio que une os homens na busca por almas belas. Entendemos, então, que mesmo ao tentar manter um relacionamento duradouro, Eros estará sempre à procura do que possivelmente o complete, considerando a novidade como a substituição dos objetos amorosos que já se tornaram rotineiros.

É relevante destacar que, na perspectiva de Platão, o amor assume uma posição soberana em relação às experiências humanas, emergindo como uma manifestação de beleza. Pode-se inferir, portanto, que para o filósofo, o sentimento amoroso está intrinsecamente ligado à

ideia de beleza, sugerindo que ele perpetuamente busca essa qualidade na essência das almas individuais.

Assim sendo, de acordo com a perspectiva de Platão, o amor está intrinsecamente vinculado à busca da beleza na essência das almas. Essa associação entre amor e beleza pode ser interpretada como uma busca constante por algo que transcende as realidades humanas, sugerindo que o amor, na visão platônica, é incompleto quando não encontra a plenitude da beleza na alma do outro.

A ideia é que o amor, para Platão, é uma aspiração em direção à perfeição e à transcendência, buscando preencher uma lacuna ou carência. Essa busca incessante pela beleza nas almas pode indicar uma insatisfação constante, uma vez que a perfeição desejada nunca é completamente alcançada. Portanto, o amor, na concepção platônica, pode ser considerado como um impulso contínuo em direção a algo que, por sua natureza, é incompleto na esfera terrena.

Na Idade Moderna, o escritor Stendhal empreendeu uma profunda investigação sobre a complexidade do amor, conforme apresentado em sua obra *Do Amor* (2007). Nesse livro, as reflexões acerca do sentimento amoroso são cuidadosamente categorizadas em quatro tipos: amor paixão, amor gosto, amor físico e amor vaidade. Cada categoria oferece uma lógica específica para as diferentes fases dos relacionamentos, seguindo trilhas distintas.

Entretanto, destaca-se que o amor paixão, segundo Stendhal, inevitavelmente atinge um desfecho marcado pela rotina e pela melancolia. O autor argumenta que, mesmo diante das classificações estabelecidas, os amantes continuam a criar novas formas de entender o amor, moldadas intimamente pelo processo da idealização. Portanto, as perspectivas de Stendhal sobre o amor não apenas enriquecem a

compreensão do tema, mas também revelam a constante evolução e adaptação das concepções amorosas ao longo do tempo.

Assim sendo, a discussão sobre o amor permanece relevante ao longo do tempo devido à sua natureza complexa e multifacetada, que continua a impactar profundamente a experiência humana. Embora o amor seja um tema frequentemente abordado ao longo da história, sua importância persiste devido às transformações sociais, culturais e individuais que moldam constantemente a compreensão desse sentimento.

Buscaremos, então, analisar os contos elencados para este artigo, baseando-nos nestes dois estudiosos e outros autores que tratam do amor.

A representação do amor em “Abelha Branca Zumbes”

“Abelha Branca Zumbes”, de Pablo Neruda, é uma constante busca pelo o objeto amoroso que se esvai através das ausências e da ansiedade do eu lírico que se apresenta neste poema. O eu lírico, deste poema, sofre pelo amor, ou seja, a sua representação no campo das ideias, e por isso sente a ausência da representação do objeto amoroso em constante desespero.

Ele é a própria personificação do desespero, um lugar em que ocupa e que habita a sua solidão. Parte superior do formulário

Abelha branca zumbes – ébria de mel – na minha alma e te retores em lentas espirais de névoa. Sou o desesperado, a palavra sem ecos, o que já perdeu tudo, e o que tudo já teve. Última amarra, range em ti minha ansiedade última. Na minha terra vazia és derradeira rosa. Ah, silenciosa! (Neruda, 2017, p. 53).

A *abelha branca* surge como uma poderosa metáfora do amor, embriagada de mel, simbolizando uma entrega completa. O eu lírico se

descreve como o desesperado, revelando uma sensação de vazio e solidão, acentuada pela imagem da palavra sem ecos, sugerindo falta de reciprocidade.

É um fato que a solidão se nutre dos limites individuais, conforme apontado por Minois (2019). Isso leva cada pessoa a reconhecer sua solidão e a procurar compreender as causas intrigantes que a tornam solitária, ao mesmo tempo em que promove uma consciência mais profunda de si mesma e de seu lugar no mundo.

Minois (2019), destaca:

O homem toma consciência de sua solidão, de seu caráter único e da incomunicabilidade dos seres; essa tomada de consciência alimenta uma inquietude fundamental: ‘No paroxismo da inquietude, o homem se torna um sujeito absoluto, pois então toma assim totalmente consciência de si mesmo, da unicidade e da existência exclusiva de seu destino [...] A inquietude absoluta leva à solidão absoluta, ao sujeito absoluto [...] A inquietude dissolve e põe o mundo em farrapos, a fim de ancorar o ser no desacompanhamento absoluto’” (Minois, 2019, p. 429-430).

A partir da referência citada, é possível notar que Minois (2019) investiga a maneira como a consciência da solidão influencia a percepção individual da singularidade e a dificuldade de estabelecer comunicação com os demais. O autor propõe que essa consciência intensifica uma inquietude fundamental no ser humano, conduzindo-o a se transformar em um sujeito absoluto, plenamente consciente de sua existência única e de seu destino exclusivo.

Dessa forma, o trecho investiga a interligação entre a consciência da solidão, a inquietação profunda e a solidão absoluta, indicando que a percepção da solidão pode conduzir a uma reflexão profunda sobre a singularidade e a dificuldade de comunicação inerentes ao ser humano.

Ao explorarmos a interação entre os temas da solidão e do amor, presentes no poema de Neruda, podemos concluir que as relações amorosas associadas ao amor Eros têm sido uma constante na vida social humana ao longo das eras. Elas se manifestam de maneiras diversas em cada período, refletindo as subjetividades humanas nas experiências amorosas. Vale ressaltar que essa manifestação não está atrelada ao transcurso dos anos, pois tanto o amor quanto a solidão sempre estiveram interligados ao indivíduo, marcando suas singularidades, como evidenciado no poema de Neruda.

Na continuação do poema, podemos perceber com mais detalhes como o eu lírico, em sua subjetividade individual, vivencia o amor:

Fecha os teus olhos fundos. Bate asas ali a noite. Ah, desnuda o teu corpo de estátua medrosa. Tens os olhos profundos onde a noite voa. Frescos braços de flor e regaço de rosa. Parecem os teus seios com os caracóis brancos. Veio adormecer no teu seio uma borboleta de sombra. Ah, silenciosa! (Neruda, 2017, p. 53).

O poema apresenta contrastes entre perda e posse, desespero e esperança, vazio e plenitude, enriquecendo sua expressão emocional. Imagens naturais, como água, vento do mar e folhas enfermas, refletem os estados emocionais do poeta, enquanto a referência à borboleta de sombra adormecendo na amada conecta o efêmero à memória.

A repetição do termo silenciosa destaca a quietude, representando tanto a ausência de resposta quanto a presença do amor profundo. O poema sugere uma relação entre o tempo e a memória, com o eu lírico revivendo o passado na solidão.

É crucial salientar que a reflexão acerca da solidão não se restringe à contemporaneidade. O apreço pela solidão ou a escolha de viver de maneira independente desafiou as instituições de poder já durante o

Iluminismo. Naquela época, o contexto histórico era marcado por uma visão otimista do progresso humano. Entretanto, essa concepção de felicidade e avanço não se limitou ao século das luzes; ao contrário, ao longo dos anos, persistiu como uma influência histórica que ecoou nos séculos XX e XXI (Cf. Minois).

Ao explorar a solidão no século XX, Minois (2019, p. 409) ressalta uma diferença significativa: a solidão experimentada em tempos passados era caracterizada como a solidão do deserto e do isolamento físico. Em outras palavras, tratava-se de uma solidão na qual aqueles que escolhiam viver sozinhos podiam ser acusados de desafiar um sistema de imposição cultural que incentivava a formação de famílias com base em dogmas religiosos. A validação dessa escolha demandava uma celebração pública em algum templo religioso, representando uma prova de adesão ao progresso humano ao viver sob a aprovação do olhar alheio.

Em contraste, a nova forma de solidão, conforme delineada por Minois (2019), é aquela na qual os indivíduos estão imersos em uma multidão, cercados por diversas vozes e perspectivas distintas, mas que, paradoxalmente, mantêm uma solidão silenciosa e disfarçada, a qual se intensifica.

Ao relacionarmos a discussão de Minois (2019) com o fragmento de Neruda desta segunda estrofe, podemos refletir que a convocação para “fechar os olhos fundos” (Neruda, 2017, p. 53) e a referência aos “olhos profundos onde a noite voa” (Neruda, 2017, p. 53) sugerem um mergulho interior, talvez em um espaço solitário da alma. A descrição poética dos “braços de flor” (Neruda, 2017, p. 53) e do “regaço de rosa” (Neruda, 2017, p. 25) revela uma beleza que contrasta com a sombra e a solidão presentes. A borboleta de sombra que adormece no seio sugere uma presença efêmera e talvez fugaz, destacando a natureza passageira da companhia na solidão.

Nos dois fragmentos literários apresentados, o silêncio é enfatizado com um “Ah, silenciosa!”, evocando uma solidão que se manifesta não apenas na ausência de companhia, mas também na falta de eco,

na palavra sem ressonância. Assim, as imagens e emoções presentes no poema de Neruda complementam as discussões de Minois (2019) sobre a evolução da solidão, conectando-se à experiência humana ao longo do tempo.

Seguindo a leitura do poema, podemos observar que a solidão continua como foco central e finaliza com esta temática:

Eis aqui a solidão de onde ficas ausente. Chove. O vento do mar caça errantes gaivotas. Caminha a água descalça nas calçadas úmidas. Queixam-se daquela árvore as folhas enfermas. Abelha branca, ausente, ainda zumbes em minha alma. Revives no tempo, delgada e silenciosa. Ah, silenciosa! (Neruda, 2017, p. 53).

Neste conto, é possível interpretar o eu lírico como um sujeito apaixonado pelo próprio sentimento amoroso, representado na figura da *abelha*. O sujeito cria e disfarça sua própria solidão, um espaço intrínseco a ele mesmo: “Eis aqui a solidão de onde ficas ausente” (Neruda, 2017, p. 53). Essa ausência gera a sensação de abstinência do amor, do zumbido e da busca incessante pelo silêncio produzido pelo objeto amoroso.

É possível perceber que o objeto amoroso é comparado à abelha branca e as flores, aos corações brancos. Essa associação aos seres da natureza remonta à ideia de um amor errante, assemelhando-se à própria abelha que zumbi e busca incessantemente outras flores para se manter viva.

As folhas, as árvores e as sombras presentes no cenário criam uma atmosfera de melancolia e desespero, sugerindo a incapacidade de alcançar o objeto de seu afeto, neste caso, a possível donzela. Trata-se de um amor de vassalagem, aprisionado no campo das ideias, conforme definido por Platão (2012), pois o amor se destaca como uma força preeminente que transcende as experiências humanas, emergindo como uma manifestação intrínseca de beleza.

Conforme afirmado por Edgar Morin (2005), o amor é uma parte intrínseca da poesia da vida, pertencente ao mundo abstrato da humanidade, que inspira os indivíduos a explorarem novas verdades, fazerem escolhas significativas e conectarem-se tanto com corpos quanto almas, tornando-se seres ávidos por experiências. Nesse sentido, o amor não pode ser simplificado, pois carrega as influências sociais específicas de cada cultura, revelando a complexidade da busca humana por caminhos em direção à felicidade ou para superar as angústias e frustrações que permeiam a vida solitária e os vazios existenciais.

Assim sendo, em Neruda, o amor caminha para o viés poético, em que o sentimento abstrato se conecta a partir das sensações do eu lírico que vive humanamente as sensações de uma relação amorosa quando não é correspondida. Assim sendo, podemos pensar que o eu lírico é emocionalmente dependente do seu objeto amoroso e, conforme Gikovate (1998), o amor é sempre o maior vício e quando se perde o objeto, que o faz se sentir identificado no amor e pelo amor, o sujeito perde a sua individualidade.

É no objeto amoroso que se pode perceber características que não pertencem ao sujeito que ama. De acordo com Gikovate (1998, p. 72), o narcisismo “[...] é o sentimento próprio daquele que constata a presença no outro de propriedades que valoriza, reconhece que não as possui”. Posto isso, o conceito de narcisismo, conforme Gikovate, sugere que é caracterizado pelo reconhecimento e valorização de certas qualidades no outro que o próprio indivíduo admira, mas não possui. Em outras palavras, o narcisismo não se refere apenas à admiração exagerada por si mesmo, mas também à capacidade de apreciar e valorizar características desejáveis percebidas nos outros.

Ao afirmar que o narcisista constata a presença no outro de propriedades que valoriza, destaca-se que o indivíduo narcisista observa e

identifica atributos ou características positivas nos outros. Essas propriedades podem ser tanto físicas quanto psicológicas, relacionadas a traços de personalidade, conquistas ou habilidades.

A segunda parte da frase, reconhece que não as possui, destaca a consciência do narcisista de que essas características desejáveis estão ausentes em si mesmo. Esse reconhecimento pode gerar sentimentos complexos, como admiração e inveja simultaneamente. O narcisista pode aspirar a possuir essas qualidades, mas ao mesmo tempo pode sentir uma lacuna entre sua própria autoimagem e as características que valoriza nos outros.

O objeto amoroso pode se sentir reduzido a um conjunto de qualidades valorizadas, perdendo sua individualidade e complexidade. Isso pode gerar tensões e dificuldades nas relações, já que a verdadeira compreensão e aceitação do outro como uma pessoa completa podem ser prejudicadas pela lente distorcida do narcisismo.

Em conclusão da nossa análise, podemos ponderar que o eu lírico percorre as complexidades inerentes ao sentimento amoroso e às questões pessoais que surgem à medida que esse sujeito idealiza seu objeto de afeto. Assim, a representação do amor no poema é intranquilizadora, dando origem a outras sensações tipicamente humanas desse sujeito, que se revela solitário, narcisista e individualista.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo a análise da representação do amor e da solidão em um dos poemas curtos de Pablo Neruda, intitulado “Abelha Branca Zumbes”, do livro *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. O texto literário analisado de Pablo Neruda é uma máxima expressão poética das complexidades do amor e das questões

pessoais enfrentadas pelo eu lírico ao idealizar seu objeto de afeto. O poema revela um eu lírico que sofre por amor, destacando a representação do amor como algo inquietante, permeado por sensações humanas típicas, como a solidão, o narcisismo e o individualismo.

A metáfora da *abelha branca* embriagada de mel simboliza uma entrega completa ao amor. No entanto, o eu lírico se descreve como desesperado, indicando uma sensação de vazio e solidão. A imagem da palavra sem ecos sugere a falta de reciprocidade, enquanto a referência à solidão como última amarra evidencia a profunda ansiedade do sujeito.

A citação de Minois (2019) destaca a evolução da consciência da solidão ao longo do tempo, indicando que a experiência moderna da solidão difere da solidão do passado. A análise das estrofes do poema de Neruda conecta-se a essa discussão, explorando a relação entre a solidão e o amor, revelando a complexidade e a profundidade desses temas.

O poema representa o constante mergulho interior do eu lírico, sugerindo uma experiência solitária da alma. As imagens poéticas das folhas, árvores e sombras criam uma atmosfera melancólica, enfatizando a impossibilidade de alcançar o objeto de afeto. A borboleta de sombra adormecendo na amada destaca a natureza efêmera da companhia na solidão.

A análise do poema, considerando a interação entre amor e solidão, destaca a complexidade das relações humanas e a busca contínua por significado e conexão. A conexão entre a experiência individual do eu lírico e as reflexões de Minois (2019) sobre a solidão ao longo da história enriquece a compreensão do tema, revelando a atemporalidade das emoções humanas. Assim, “Abelha Branca Zumbes” ressoa como uma expressão poética profunda que transcende as fronteiras do tempo, explorando a essência da experiência humana no contexto do amor e da solidão.

Referências

BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fonseca, 1990.

GIKOVATE, F. *Ensaio sobre o amor e a solidão*. São Paulo: MG Editores Associados, 1998.

MORIN, E. *Amor, Poesia, sabedoria*. Tradução Edgar de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MINOIS, G. *História da solidão e dos solitários*. Tradução Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editoria Unesp, 2019.

NERUDA, P. *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada*. Tradução de Cíntia Eto. São Paulo: Independente, 2017

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução, apresentação e notas Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2012.

Recebido em: 02/01/2024

Aprovado em: 23/03/2024

Licenciado por

